



Fotografia de Stephan Henning disponível no Unsplash
Photo by Stephan Henning on Unsplash
(stephan-henning-1259794-unsplash)

Tradução comentada do conto “Cagliuso”, de Giambattista Basile

MARIA CELESTE TOMMASELLO RAMOS*
ADRIANA APARECIDA DE JESUS REIS**

RESUMO: No presente trabalho, apresentamos a tradução para o português de uma versão infanto-juvenil do conto maravilhoso “Cagliuso”, do escritor Giambattista Basile (1575–1632), que pode ser o texto-fonte do conto “Gato de Botas”, de Charles Perrault. Tal tradução é introduzida por explicações sobre autor e obra, comentada em notas e seguida do original em italiano *standard*.

PALAVRAS-CHAVE: Conto; Giambattista Basile; Literatura Italiana; Tradução; Tradução Comentada.

ABSTRACT: In this work, we present the translation in Portuguese of a children version of the tale “Cagliuso”, by the writer Giambattista Basile (1575–1632), which may be the source-text of the tale “Puss on Boots”, by Charles Perrault. The translation is introduced by explanations about the author and his work, commentary in notes, and followed by the original text in standard Italian.

KEYWORDS: Annotated translation; Giambattista Basile; Italian Literature; Tale; Translation.

* Departamento de Letras Modernas – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp – *campus* de São José do Rio Preto – SP – Brasil. Bolsista de Produtividade em Pesquisa, Nível 2 (CNPq).
E-mail: mct.ramos@unesp.br

** Graduanda em Licenciatura em Letras – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp – *campus* de São José do Rio Preto – SP – Brasil. Bolsista IC FAPESP (Proc. 2016/09280-4).
E-mail: adrianareis.ibilce@gmail.com

Introdução

No presente dossiê, apresentamos a tradução de um conto maravilhoso presente no livro *Lo cunto de li cunti ovvero lo trattenimento de peccerille* (*O conto dos contos ou o entretenimento dos garotinhos*), obra-prima do escritor italiano Giambattista Basile, original de Nápoles, que viveu entre 1575-1632. Escolhemos para traduzir uma versão infanto-juvenil em italiano *standard*.

Lo cunto de li cunti, de Basile, foi publicado pela primeira vez, postumamente, entre 1634-1636, em dialeto napolitano, por Adriana Basile, irmã do autor e famosa cantora de ópera da Itália seiscentista (século XVII). Por apresentar uma estrutura narrativa análoga ao *Decamerone*, de Giovanni Boccaccio, *Lo cunto de li cunti* foi chamado de *Pentamerone ossia la fiaba delle fiabe* (em referência às cinco jornadas presentes na divisão interna da obra) pelo crítico e filósofo italiano Benedetto Croce, que, em 1925, além de traduzir a obra composta por cinquenta contos maravilhosos para o italiano *standard*, escreveu um prefácio para ela, intitulado “*Giambattista Basile e l’elaborazione artistica delle fiabe popolari*” (“Giambattista Basile e a elaboração artística das fábulas¹ populares”).

O trabalho de Croce foi responsável por dar maior visibilidade à obra de Basile na península itálica, visto que a publicação originalmente em dialeto napolitano, língua falada na porção meridional da Itália, na região da cidade de Nápoles, dificultou muito e quase inviabilizou sua divulgação no restante da península e, por consequência, Basile não atingiu grande notoriedade no campo da Literatura Infantil se comparado a outros autores europeus, como Charles Perrault ou os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm.

O escritor italiano desempenhou papel político durante sua vida adulta, o que o levou a realizar viagens pelo interior não somente da Campânia, mas também por toda a península itálica, e lhe proporcionou contato com a cultura popular, ou seja, com as histórias narradas oralmente pelo povo simples. No que tange à tradição folclórica na Itália do século XVII, a ensaísta brasileira Nelly Novaes Coelho (1991) destaca que:

No início do século XVII, a Itália volta-se com grande interesse para o folclore, tradições populares, contos e canções, pois vive o momento em que inúmeros dialetos lutam para se imporem como línguas. Nessa linha de preocupações, o erudito e aristocrata Basile descobre, entre os camponeses de Nápoles, as maravilhas lingüísticas do dialeto regional (COELHO, 1991, p. 62).

Além de camponeses de Nápoles, Basile também teve grande aproximação com marinheiros, conforme sublinham as pesquisadoras Andréia Guerini & Rozalin Burigo Caon (2008):

Desde jovem circulava por toda a península italiana, conhecia bem o trabalho dos marinheiros; por muitos anos foi soldado do exército veneziano em Candia (hoje ilha de Creta). Nos acampamentos e nos portos ouvia várias histórias e aventuras fantásticas, e não se afastava da literatura clássica (GUERINI & CAON, 2008, p. 166).

¹ A palavra em italiano *fiaba* engloba o significado de conto maravilhoso, fábula e conto popular.

Esse contato com a camada popular napolitana, formada por camponeses e marinheiros, rendeu a Basile o conhecimento dos contos populares, relacionados ao modo “maravilhoso”, ou seja, narrativas curtas que tinham como enredo elementos mágicos, maldições, encantamentos, transformações, metamorfoses, etc. Assim, ao longo dos anos, ele escreveu quarenta e nove contos maravilhosos emoldurados por um outro conto que também envolvia o elemento mágico e narrava a história de Zoza.

Ela era uma bela moça que, por ter recebido a maldição de uma velha senhora, havia sido obrigada a procurar o local onde jazia um príncipe adormecido por encanto, e ela teve que chorar uma ânfora de lágrimas para o acordar. Quando estava prestes a terminar de completar a ânfora, Zoza adormeceu e uma escrava moura, que a via realizar a tarefa que libertaria o príncipe do encanto, colocou-se no lugar dela e completou a ânfora de lágrimas. Desperto do encanto, o príncipe tomou a escrava como sua salvadora e se casou com ela. Assim que se recuperou do grande cansaço e acordou, Zoza se deu conta de ter sido enganada junto com o príncipe e, por meio de sua própria magia, infundiu na escrava tornada princesa o desejo ardente de ouvir histórias contadas oralmente. A nova princesa convenceu o príncipe a chamar dez velhas contadoras de histórias que tinham apelidos bizarros (característica do grotesco barroco) e vieram então Zeza (cujo apelido era “aleijada”), Antonella (a “babosa”), Cecca (a “torta”), Ciulla (a “beijuda”), Meneca (a “queixuda”), Paola (a “vesga”), Tolla (a “nariguda”), Ciommetella (a “tinhosa”), Popa (a “corcunda”) e Iacova (a “merdosa”), que passaram a contar um conto maravilhoso cada uma por dia, durante cinco jornadas – daí o nome da obra que os reúne ser *Pentamerone*, que significa “cinco jornadas”.

Ao final da quinta e última jornada, depois de ouvirem quarenta e nove contos maravilhosos, Zoza, por meio de magia, substitui a última velha narradora e conta sua própria história como última narração. O príncipe fica sabendo do engano que foi levado a cometer, condena à morte a escrava moura e se casa com Zoza. Assim o enredo do *Pentamerone*, também conhecido como *Lo cunto de li cunti, ossia trattenimento de' peccerille*, se encerra, condensando dentro de si cinquenta contos maravilhosos emoldurados pelo que inicia as narrativas e as encerra, bem ao modelo do *Decamerone*, de Giovanni Boccaccio, que poucas centenas de anos antes, havia recolhido cem contos realistas (*novelle*) em uma narrativa moldura de dez jovens que contavam, durante dez dias, um conto cada um para passar o tempo.

Cada conto que compõem a obra de Basile possui um ou dois primeiros parágrafos introdutórios que informam ao leitor o tema de seu enredo e quem irá conta-lo. No caso do conto aqui traduzido, a narradora será Tolla, e o primeiro parágrafo serve para interligar a nova narrativa à anterior, dando unidade à obra pois comenta o desfecho do conto anterior.

No *Pentamerone*, dentre esses quarenta e nove contos maravilhosos contidos pelo conto-moldura, é possível encontrarmos várias fontes literárias de histórias que hoje são conhecidas mundialmente como clássicos infantis:

Sua [de Giambattista Basile] grande imaginação produziu narrações tão fabulosas, e seu domínio linguístico tornou-se de tal interesse, que foram traduzidas em nove idiomas e grande parte delas estão na origem dos contos de Perrault. De seu “Cagliuso” saiu O Gato de Botas; de “Sole, Luna e Talia”

saiu A Bela Adormecida, de “Zezolla”, A Gata Borracheira... (COELHO, 1991, p. 58 – grifos nossos).

Baseando-nos na afirmação de Coelho (1991), decidimos propor a tradução literária do conto de fadas “Cagliuso”², considerado texto-fonte da narrativa “Mestre Gato ou O gato de Botas”, publicada em 1697, na antologia *Contos da Mamãe Gansa (Contes de ma mère l’Oye)*, do autor francês Charles Perrault (1628-1703), com o objetivo de divulgar ainda mais entre o público a produção deste escritor napolitano que, durante muito tempo, permaneceu esquecido ou até mesmo desconhecido pelos estudos de Literatura Infantil.

É importante destacarmos que há controvérsias em relação à verdadeira fonte literária da famosa narrativa francesa, popularmente conhecida como “O Gato de botas”, pois, ao contrário de Coelho (1991), o ensaísta Italo Calvino (1996) afirma que é provável que a verdadeira fonte também seja italiana, mas do autor Giovan Francesco Straparola (1480-1557), proveniente da Lombardia, região ao norte da Itália, que intitulou sua versão de “Costantino Fortunato”³, narrativa maravilhosa presente em *As noites agradáveis (Le piacevoli notti)*⁴, coletânea composta por setenta e cinco contos publicados a partir de 1550 em duas partes:

Outros argumentos de discussão entre os estudiosos é aquele sobre as fontes de várias fábulas. Muitas delas (*Pele de Asno, Cinderela, A bela adormecida no bosque, O Gato de botas, O pequeno polegar, As fadas*) se encontram, em variantes semelhantes a essas, em um livro em dialeto napolitano publicado sessenta anos antes (1634-36): o *Pentamerão* ou *O Conto dos Contos* de Giambattista Basile. Mas podia Perrault ler o obscuro napolitano de Basile? Não é excludente, mas não é comprovado. Mais provável é que conhecesse *As noites agradáveis* de Francesco Straparola que no século XVI já tinham traduzido para o francês; também nesta coletânea de novelas do século XVI na verdade não faltavam análogos a alguns dos *Contes*, mesmo que não tão semelhantes como os de Basile⁵ (CALVINO, 1996, p. 152 – grifos do autor, tradução nossa).

Embora sejam divergentes as informações a respeito dos textos-fontes, é fato que esse resgate literário é importante para os estudos de Literatura Infantil no Brasil não só por promover o conhecimento das fontes italianas, mas também por registrar contos maravilhosos em que a astúcia pertence à personagem feminina: em ambas as narrativas

² “Cagliuso”, de Basile, é o quarto entretenimento da segunda jornada do *Pentamerone (Giornata II, fiaba IV)*.

³ “Costantino Fortunato”, de Straparola, é o primeiro conto maravilhoso narrado na décima primeira noite (*Noite XI, Fiaba I*).

⁴ Convém ressaltar que a Editora Landy publicou, no Brasil, em 2007, a tradução de cinco contos de Straparola com o título de *Noites agradáveis: contos renascentistas italianos* por meio do trabalho da tradutora Renata Cordeiro.

⁵ No original: “Altri argomenti di discussione tra gli studiosi è quello delle fonti delle varie fiabe. Molti di esse (*Pelle d’Asino, Cenerentola, La Bella addormentata nel bosco, Il Gatto con gli stivali, Pollicino, Le fatte*) si ritrovano, in variante assai simili, in un libro in dialetto napolitano pubblicato una sessantina d’anni prima (1634-36): il *Pentamerone* o *Lo Cunto de li cunti* di Giambattista Basile. Ma poteva Perrault leggere l’oscuro napolitano di Basile? Non è escluso, ma non è provato. Più probabile è che conoscesse *Le piacevoli notti* di Francesco Straparola che già nel secolo XVI avevano traduzioni in francese; anche in questo novelliere cinquecentesco infatti non mancano intrecci analoghi ad alcuni dei *Contes*, anche se non così somiglianti come in Basile” (CALVINO, 1996, p. 152).

italianas, de Basile e de Straparola, uma gata maravilhosa, com dons especiais, que favorece, por sua atuação inteligente, seu dono, de origem pobre. Essa engenhosidade do animal felino, a qual pertence ao animal de sexo masculino na famosa versão francesa, é tão relevante para os Estudos Literários que, a partir dela, o teórico André Jolles (1976) cunhou, em seu livro *Formas Simples*, o conceito de moral ingênua como um elemento do conto maravilhoso.

Dada a importância dos contos de Basile para o nascer da Literatura Infantil, acreditamos ser relevante propor para o público brasileiro a leitura da versão infanto-juvenil do conto “Cagliuso” em italiano, agora traduzido para o português. Assim, traduzimos esse conto de fadas do italiano *standard* para o português brasileiro com a finalidade de alargar o leque de autores europeus conhecidos e até estudados no campo da Literatura Infantil no Brasil.

Com a tradução, esperamos atingir uma gama maior de leitores. Pensando em tornar acessível o texto literário do autor napolitano e por conta da diferença de uso de pronomes de tratamento entre o italiano e o português, decidimos alterar a pessoa do discurso da narrativa enfocada, isto é, alteramos a segunda pessoa do singular (tu), presente no texto em italiano, e do plural (vós), para a terceira pessoa do singular ou do plural (ele ou eles) na língua portuguesa, baseadas no uso.

Além disso, optamos por trazer notas de rodapé como “Notas do Tradutor” com a finalidade de explicar não só expressões idiomáticas, do italiano, e proverbiais, do dialeto napolitano, mas também trazer informações históricas e geográficas de Nápoles de modo a enriquecer a leitura da versão em português, uma vez que, especificamente neste conto maravilhoso, há um predomínio da cultura napolitana antiga, isto é, da época contemporânea a Basile. Essa napolitanização do conto “Cagliuso”, a nosso ver, torna a narrativa mais particular daquele local, o que talvez tenha também colaborado para dificultar a divulgação desta narrativa em outros territórios. Nesse sentido, ressaltamos que, durante a Segunda Guerra Mundial, a cidade de Nápoles foi bombardeada mais de cento e vinte vezes, tendo quase todo o seu centro histórico destruído. Por essa razão, é possível que os lugares geográficos mencionados neste conto talvez tenham sido destruídos ou reconstruídos depois.

Enfim, ao apresentarmos a leitura desse conto ao público brasileiro, esperamos proporcionar uma leitura seja prazerosa e que, ao mesmo tempo, contribuir para que parte da obra de Basile e o próprio escritor italiano sejam mais conhecidos no Brasil.

Cagliuso

Giambattista Basile

Maria Celeste Tommasello Ramos;
Adriana Aparecida de Jesus Reis.
(Tradução e comentários)

Não se pode contar a grande alegria provada por todos pela sorte de Viola, que, com o seu engenho, tinha sabido buscar a felicidade, apesar daquelas podres irmãs, que, inimigas do próprio sangue, tinham-lhe preparado tantas armadilhas para fazê-la quebrar o pescoço.

Mas já era tempo que Tolla pagasse a sua dívida com palavras brilhantes como moedas de ouro, e assim começou: “A ingratidão, meus senhores, é um prego enferrujado que, plantado na árvore da cortesia, a faz secar; é uma fuligem que, caindo na panela da amizade, tira-lhe o cheiro e o sabor: disso vocês terão uma prova no conto que lhes contarei”:

Era uma vez, na cidade de Nápoles⁶, um velho mendigo, desgraçado, azarado, sem a sombra de um quattrim⁷ que andava nu como um piolho.

Quando ele percebeu estar no final de seus dias, chamou seus dois filhos: Oraziello e Cagliuso, e disse a eles: “Eis que termina meu contrato com o mundo, acreditem em mim, ficaria feliz em abandonar esta vida de sofrimentos, se não me atormentasse o pensamento de deixar-lhes pobres como Santa Clara, nas cinco ruas de Melito⁸, descarnados como um caroço de ameixa, que se vocês corressem cem milhas não lhes cairia nenhum trocado do bolso, porque o destino, que me presenteou apenas com miséria e roncões de estômago⁹ pela fome, agora está tirando-me o lume e muito pouco de vida me resta. Apesar disto, desejo deixar-lhes algum símbolo de amor: por isso você, Oraziello, que é meu primogênito, pegue aquela peneira que está pendurada no muro, assim poderá ganhar o pão, e tu, Cagliuso, que é o menor, pegue a gata, e se recordem do pai de vocês”.

⁶ Cidade mais notável do *Mezzogiorno* da Itália, porção meridional da península, em razão de sua alta densidade demográfica, tradições históricas e a relevância de seu aparato econômico, celebrado pela antiguidade clássica, segundo a enciclopédia virtual *Treccani* (<http://www.treccani.it/enciclopedia/napoli/>). Além disso, geograficamente, Nápoles, capital da Campânia, é conhecida por estar situada próxima ao Vulcão Vesúvio, atualmente adormecido (N. T.).

⁷ Moeda, de uso corrente no século XVII, cujo valor monetário equivalia a quatro dinheiros (N. T.).

⁸ No início do século XVII, *Largo delle cinque vie* (as cinco ruas de Melito), localizado em Nápoles, era conhecido como uma zona de parada de mendigos justamente pelo fato de desembocar em um local, chamado *Fascenario*, para onde conduziam os pedintes. Disponível em: <https://nickmar86.wordpress.com/2015/10/29/melito-nello-cunto-de-li-cunti-largo-delle-cinque-vie/> (N. T.).

⁹ “Roncos de estômago” diz respeito à nossa escolha tradutória para a expressão *“sbadigli per la fame”* do texto original. Essa expressão em italiano, pode ser traduzida, literalmente, como “bocejos de fome”, contudo, é mais comum para nós, falantes de português, utilizarmos o termo “bocejo(s)” para fazer referência ao sono e, para fazer referência à fome, utilizamos o termo “ronco”, relacionado ao barulho proveniente do estômago (N. T.).

Dizendo assim caiu no pranto e, pouco depois, murmurou: “Adeus, já é noite alta”¹⁰.

Oraziello, após sepultar o pai graças a alguma esmola, tomou a peneira e andou por aqui e por ali para ganhar o seu próprio pão e, quanto mais peneirava, mais ganhava.

Cagliuso, pelo contrário, tendo pego a gata, se lamentava: “Mas veja que bela herança me deixou meu pai! Não tenho nada para comer nem para mim e agora devo prover para dois! Teria ficado melhor se estivesse só!” A gata, ouvindo todas estas lamentações, disse: “Você se lamenta demais e não sabe que sorte lhe foi destinada, porque eu sou capaz de tornar você um homem rico, se começo a agir!”.

Cagliuso, não se sabe ao certo porquê, agradeceu Sua Senhoria Gata, fez-lhe duas ou três carícias sobre o dorso e passou a confiar nela calorosamente.

E assim a gata, toda manhã, quando o Sol, com isca de luz, pesca as sombras da Noite, ia à Pedra do Peixe¹¹ e, interessada em algum grande peixe do tipo céfalo ou um belo dourado, segurava-o e o levava ao rei, dizendo: “O senhor Cagliuso, escravo da Vossa Alteza, manda-vos este peixe com as suas reverências e manda dizer: ‘Ao grande senhor, um pequeno presente’”. O rei, todo sorridente, respondia à gata: “Diga a este senhor, que eu não conheço, mas que o agradeço muito”.

Outras vezes, a gata ia ao pântano¹² ou à floresta de Astroni¹³, e assim que os caçadores abatiam um pássaro do tipo verdilhão, ou um melharuco, ou ainda uma toutinegra-real, ela os recolhia com força e corria para levá-los ao rei com a mesma reverência. E tantas vezes usou esta astúcia, que um dia o rei lhe disse: “Eu me sinto tão grato a este senhor Cagliuso, que desejo conhecê-lo para compensar-lhe todas as cortesias que me demonstrou”. A gata respondeu: “O desejo do senhor Cagliuso é o de dedicar a própria vida e o próprio sangue à vossa coroa: por isso virá aqui, amanhã cedo, sem falta, reverenciar-vos”.

Na manhã seguinte, a gata foi ao rei e lhe disse que Cagliuso se desculpava muito, porém, não podia vir, porque, durante a noite, ele tinha sido roubado de tudo e não lhe restava nem menos uma camisa.

O rei fez logo mandar a Cagliuso uma bela vestimenta e roupas de baixo de seu

¹⁰ No texto original, a expressão é somente “adeus, é noite”, no entanto, em italiano, há uma diferenciação mais específica quanto aos períodos da noite: noite baixa e noite alta. Pelo contexto da frase, o pai de Cagliuso e Oraziello, ao dar adeus (*addio*), parece estar se despedindo, por esse motivo, compreendemos que seja noite alta. Com isso, optamos por traduzir a expressão “*addio, è notte*” como “adeus, já é noite alta”. Além disso, justamente pelo fato da noite estar ligada a uma forma de despedida específica, “adeus”, podemos interpretar tal discurso como metáfora da morte do personagem (N. T.).

¹¹ “Pedra do peixe” é uma das fontes históricas de Nápoles, onde, antigamente, se concentrava o comércio relacionado à pesca, realizado por muitos negociantes, que a distribuía aos vendedores de peixe. Essa fonte deixa a doce recordação por ter dado “água na boca” ou “ungido a garganta” (*ungere la gola*), principalmente, ao gato falante, da história de Giambattista Basile, que todo dia caçava peixes, do tipo grande céfalo ou uma boa orata, para levá-los ao rei. Disponível em: <http://www.bibliotecauniversitarianapoli.beniculturali.it/index.php?it/465/fontana-della-pietra-del-pesc> (N. T. com base em notas explicativas, feitas por Benedetto Croce, sobre cultura napolitana antiga).

¹² “Pântano” tradução nossa para “*paduli*” ou “*paludi*”. É um lugar de pesca, localizado ao lado oriental da cidade de Nápoles (N. T. com base em notas explicativas, feitas por Benedetto Croce, sobre cultura napolitana antiga).

¹³ É uma Reserva Natural de Nápoles, que, por estar situada em uma zona vulcânica, é também chamada de “Cratera de Astroni”. É um dos poucos lugares onde há uma grande variedade de plantas. Além disso, antigamente, por conter uma grande quantidade de animais selvagens, era uma propriedade de caça de nobres famílias (N. T.).

próprio guarda-roupa e não passaram duas horas para que Cagliuso viesse ao palácio, acompanhado pela gata.

O rei lhe fez mil cumprimentos, fez com que sentasse ao seu lado, e lhe ofereceu um banquete esplêndido. Mas, enquanto comia, às vezes Cagliuso se dirigia à gata, dizendo-lhe: “Gatinha minha, peço a você para cuidar de meus velhos trapos, para que não se percam”. E a gata: “Fique calado, feche sua boca, não fale dessas misérias!” O rei desejou saber que coisa lhe deveria servir e a gata respondeu que sentia vontade de um pequeno limão e o rei fez logo buscar uma cesta no jardim. Depois de um tempo, Cagliuso recomeçou com a mesma ladainha de seus trapos e a gata lhe disse novamente para tapar a boca, e o rei perguntou outra vez que coisa lhe deveria servir e a gata foi pronta com um pretexto para remediar as mesquinhas de Cagliuso.

Ao final, depois de ter comido e conversado por um longo período, Cagliuso pediu licença para ir embora; em lugar disso, a esperta gata permaneceu com o rei e começou a exaltar o valor, a inteligência e o juízo de Cagliuso, mas, sobretudo, as grandes riquezas que ele possuía nos campos romanos e lombardos, coisa pela qual ele era digno de ser comparado a um rei.

O rei, então, perguntou qual seria o valor do patrimônio do dono da gata, essa respondeu que não se podia mensurar exatamente o grande número de imóveis, palácios e utensílios do milionário, pois até ele não sabia o quanto possuía; se o rei desejasse obter tal informação, poderia enviar alguém, em sua companhia, para fora do reino, de forma que ela lhe faria ver e comprovar que não existe no mundo uma riqueza tão grande quanto aquela.

O rei chamou alguns de seus mais fiéis funcionários, e lhes ordenou que se informassem sobre as riquezas de Cagliuso. Eles seguiram a gata, a qual, com o pretexto de lhes fazer encontrar alojamentos pela longa estrada, ia na frente e, todas ovelhas, vacas, cavalos e porcos que encontrava pelo caminho, reunidos em grupos, dizia aos pastores e guardas: “Olá, fiquem atentos que um monte de bandidos deseja saquear tudo aquilo que se encontra nestes pastos! Por esse motivo, se vocês desejam evitar roubos e salvar seus animais e bens, digam que eles pertencem ao senhor Cagliuso, e ninguém terá coragem de tocar em sequer um pelo”.

A mesma coisa dizia nas casas de fazenda que encontrava em seu caminho: tanto que, em qualquer lugar que chegavam os emissários do rei, lhes era dito que tudo pertencia a Cagliuso, tanto que aqueles emissários, cansados de ouvir a mesma ladainha, retornaram ao rei e lhe narraram os mares e montes¹⁴ de riquezas que o senhor Cagliuso possuía. Estando assim as coisas, o rei prometeu uma rica recompensa à gata, se ela aceitasse mediar um casamento e ela,

¹⁴ Segundo a Enciclopédia eletrônica *Treccani*, “*mari e monti*” é uma expressão comumente empregada com o sentido figurado, por exemplo, em “*promettere mari e monti*”, cujo sentido é fazer promessas grandes e impossíveis de manter. Essa expressão idiomática, no texto literário, refere-se à quantidade de riquezas pertencentes a Cagliuso. Justamente pelo fato do trecho literário em questão trazer uma ideia vinculada à posse de terras, optamos por traduzir a expressão idiomática de forma literal, ou seja, como “mares e montes de riquezas do senhor Cagliuso”, ainda que não se possa excluir o sentido figurado de exagero. Além disso, “mares e montes” é uma expressão idiomática usual na língua portuguesa http://www.treccani.it/vocabolario/mare_%28Sinonimi-e-Contrari%29/. (N. T.).

primeiro hesitou ao ir de um lado para o outro, mas ao final, aceitou o negócio.

O rei, então, deu a Cagliuso a filha em casamento com um grande dote. Depois de um mês de festividades, o marido disse que desejava levar a sua esposinha para as suas terras; assim, acompanhados pelo rei até os confins do reino, foram para a Lombardia¹⁵. Lá, com o conselho da gata, o jovem comprou um belo pedaço de terras e tornou-se barão.

Então Cagliuso, vendo-se podre de rico¹⁶, não terminava mais de agradecer à gata, dizia-lhe que lhe devia a vida, sua riqueza e que a malícia de uma gata tinha-lhe ajudado muito mais que a engenhosidade do próprio pai. Dizia-lhe que ela poderia desfrutar de seus pertences a seu gosto, e quando morresse, talvez em cem anos, faria com que fosse embalsamada e colocada em uma gaiola de ouro em seu leito, para tê-la sempre diante de seus olhos.

A gata, ao ouvir esta fanfarronice, desejou colocá-lo à prova: deixou passar três dias e depois se fingiu de morta, deitando-se estendida na morada. A mulher de Cagliuso, quando a viu, gritou: “Oh, marido meu, que grande desgraça, morreu a gata!” E Cagliuso: “Que se leve embora todos os males, melhor ela que nós!” “O que faremos dela?” perguntou a mulher. E ele: “Nós a prenderemos por uma pata e a arremessaremos pela janela!”

A gata, ouvindo o belo agradecimento que nunca havia imaginado, começou a dizer: “Este é o agradecimento pelos piolhos que lhe tirei? Este é o muito obrigado pelos farrapos que lhe fiz tirar e pelas roupas elegantes que consegui para você? É isto que obtenho por ter alimentado você quando estava morto de fome, era um mendigo, estava todo esfarrapado, com remendos até nas nádegas? Maldigo o dia em que decidi fazer alguma coisa para você, pois não merece, nem mesmo, que eu lhe cuspa na cara. Bela gaiola de ouro você me havia prometido! Belo prêmio recebi por todo o meu esforço! Desgraçado quem se oferece para fazer pelos outros! Há mesmo razão aquele filósofo: Quem adormece burro, burro acorda! Enfim, quem faz demais, deve esperar de menos! Mas as belas palavras e os tristes fatos enganam sejam os sábios, sejam os tolos!”

Assim dizendo, foi balançando a cabeça e se afastou. Por mais que Cagliuso procurasse, com humildade, ser perdoado por ela, não tinha sucesso. A gata não parava, e correndo sem olhar para trás, dizia:

Que Deus nos proteja do rico empobrecido e do mendigo enriquecido¹⁷.

¹⁵ Região localizada ao Norte da Itália, onde há uma intensa atividade agrícola, por esse motivo, principalmente, é uma das regiões mais desenvolvidas (N. T.).

¹⁶ “podre de rico” tradução nossa para a expressão em italiano “*ricco sfondato*”. De acordo com a *Treccani*, o adjetivo “*sfondato*”, quando acompanhado pelo adjetivo “rico”, tem o sentido figurado de “imensamente rico” ou “rico sem fundo”. Com isso, pensando em uma expressão de cunho popular em nossa língua, optamos por traduzir “*ricco sfondato*” como “podre de rico”. Disponível em: http://www.treccani.it/vocabolario/sfondato_%28Sinonimi-e-Contrari%29/. (N. T.).

¹⁷ Trata-se de uma expressão proverbial, segundo o site italiano *Cordo di Napoli*, de origem napolitana. Esse provérbio aconselha “atenção a quem mastiga rancor ou inveja escondida! Muitas vezes as mudanças drásticas de classes sociais geram comportamentos desprezíveis” (tradução nossa para *attenzione a chi mastica rancore o invidia repressa! Spesso i capovolgimenti di collocazione sociale generano comportamenti ignobili*). Em dialeto napolitano, o provérbio em destaque é escrito da seguinte forma: “*Dio te guarda de ricco 'mpoveruto e de pezzente quanno è*

Cagliuso

Giambattista Basile

Non si può raccontare la grande gioia provata dai tutti per la fortuna di Viola, che col suo ingegno aveva saputo procurarsi la felicità a dispetto di quelle perchie delle sorelle che, nemiche del proprio sangue, le avevano teso tanti trabocchetti per farle rompere il collo.

Ma ormai era tempo che Tolla pagasse il suo debito con parole brillanti come monete d'oro, e così cominciò: "Ingratitudine, signori miei, è un chiodo arrugginito che, pantato nell'albero della cortesia, lo fa seccare, è una fuliggine che, cascando nella pentola dell'amicizia, le toglie l'odore e il sapore: ne avrete una prova nel racconto che vi dirò".

C'era una volta nella città di Napoli un vecchio così pezzente, disgraziato, scalognato, senza il becco di un quattrino che se ne andava in giro nudo come un pidocchio.

Quando di accorse di essere alla fine dei suoi giorni, chiamò i suoi due figli, Oraziello e Cagliuso, e disse loro: "Ecco, ormai è scaduto il mio contratto con il mondo; credetemi, sarei contento di abbandonare questa vita di sofferenze, se non mi tormentasse il pensiero di lasciarvi poveri come Santa Chiara, alle cinque vie di Melito, spolpati come osso di prugna, che se correte cento miglia non vi cade neanche uno spicciolo di tasca, perché il destino, che mi ha regalato solo miseria e sbadigli per la fame, ormai mi ha ridotto al lumicino: neanche la vita mi resta più. Nonostante questo, voglio lasciarvi qualche segno d'amore; perciò tu, Oraziello, che sei il primogenito, prenditi quel setaccio che sta attaccato al muro, così potrai guadagnarti il pane, e tu, Cagliuso, che sei il più piccolo, pigliati la gatta, e ricordatevi il vostro padre".

Dicendo così scoppiò in lacrime e dopo poco mormorò: "Addio, è notte".

Oraziello, fatto seppellire il padre grazie a qualche elemosina, prese il setaccio e se ne andò in qua e in là per guadagnarsi il pane e, tanto più setacciava, quanto più guadagnava.

Cagliuso invece, prese la gatta, si lamentava: "Ma guarda che bell'eredità mi ha lasciato mio padre! Non ho da mangiare neanche per me e adesso devo provvedere per due! Ne avrei fatto volentieri a meno!". La gatta, sentendo tutte queste lagne, disse: "Tu ti lamenti troppo e non sai che fortuna ti è capitata, perché io sono capace di farti diventare ricco, se mi ci metto".

Cagliuso, poiché non si sa mai, ringraziò Sua Signoria la Gatta, le fece due o tre carezze sulla schiena e le si raccomandò caldamente.

E così la gatta ogni mattina, quando il Sole con l'esca della luce pesca le ombre della Notte, se ne andava alla Pietra del pesce e, adocchiato qualche grosso cefalo o una bella orata, l'acchiappava e la portava al re, dicendo: "Il signor Cagliuso, schiavo della Vostra Altezza, vi manda questo pesce con i suoi omaggi e dice: a gran signore, piccolo dono". Il re, tutto sorridente, rispondeva alla gatta: "Di' a questo signore, che io non conosco, che lo ringrazio molto".

Altre volte la gatta correva alle Padule o agli Astroni ed appena i cacciatori facevano cadere il rigogolo, una cinciallegra o una capinera, lei li afferrava e correva a portarli al re

con la stessa ambasciata. E tante volte usò questa astuzia, che il re un giorno le disse: “Io mi sento così obbligato verso questo signor Cagliuso, che desidero conoscerlo per ricambiargli tutte le cortesie che mi ha mostrato”. La gatta rispose: “Il desiderio del signor Cagliuso è di dedicare la propria vita e il proprio sangue alla vostra corona: perciò domani mattina verrà senz’altro qui di omaggiarvi”.

La mattina dopo però la gatta andò dal re e gli disse che Cagliuso si scusava tanto, ma non poteva venire, perché durante la notte era stato derubato di tutto e non gli rimaneva più neanche la camicia.

Il re fece subito mandare a Cagliuso un bel po’ di vestiti e biancheria del suo guardaroba e non passarono due ore che lui venne a palazzo, guidato dalla gatta.

Il re gli fece mille complimenti e, fattolo sedere accanto a sé, gli offrì un banchetto sbalorditivo. Ma, mentre si mangiava, Cagliuso di tanto in tanto si rivolgeva alla gatta, dicendole: “Micina mia, ti raccomando quei vecchi stracci, che non si perdano”. E la gatta: “Stai zitto, chiudi il becco, non parlare di queste miserie!”. Il re voleva sapere che cosa gli servisse e la gatta rispondeva che gli era venuta voglia di un piccolo limone e il re ne fece subito portare un cestello dal giardino. Dopo un po’ Cagliuso ricominciò con la stessa musica dei suoi stracci e la gatta gli disse ancora di tapparsi la bocca, e il re chiese di nuovo cosa gli servisse e la gatta fu pronta con un pretesto a rimediare alle piccinerie di Cagliuso.

Alla fine, dopo aver mangiato e conversato a lungo, Cagliuso chiese licenza di andarsene; invece quella furbacchiona rimase col re e cominciò a decantare il valore, l’intelligenza e il giudizio di Cagliuso, ma soprattutto le grandi ricchezze che lui possedeva nelle campagne romane e lombarde, per la qual cosa era degno d’imparentarsi con un re di corona.

Il re allora chiese e quanto potesse ammontare il suo matrimonio e la gatta rispose che non si poteva neanche contare esattamente il gran numero di mobili, palazzi e suppellettili di questo gran riccone, che lui stesso non sapeva quanto possedeva; se il re voleva informarsene, poteva mandare qualcuno con lei fuori dal regno e si sarebbe reso conto che c’era al mondo una ricchezza come quella.

Il re chiamò alcuni suoi fedelissimi e ordinò loro di informarsi sulle ricchezze di Cagliuso. Quelli seguirono la gatta, la quale, col pretesto di fargli trovare alloggi lungo la strada, correva avanti e, quante greggi di pecore, mandrie di vacche, razze di cavalli e branchi di porci incontrava, diceva ai pastori e ai guardiani: “Olà, state attenti che un pugno di banditi vuole saccheggiare tutto quello che si trova in queste campagne! Perciò, se volete evitare la loro furia e salvare le vostre cose, dite che sono del signor Cagliuso e non vi sarà torto un capello”.

La stessa cosa diceva nelle fattorie che incontrava sul suo cammino: cosicché, dovunque arrivavano i messi del re, gli veniva detto che tutto era di Cagliuso, tanto che quelli, stanchi di sentire sempre la stessa musica, tornarono dal re e gli dessero mari e monti della ricchezza del signor Cagliuso. Stando così le cose, il re promise una ricca ricompensa alla gatta se combinava questo matrimonio e lei, fatta la spola di qua e di là, alla fine concluse la faccenda.

Il re allora diede a Cagliuso la figlia in sposa con una gran dote. Dopo un mese di festeggiamenti, lo sposo disse che voleva portare la sposina nelle sue terre; così, accompagnati dal re fino ai confini del regno, se ne andarono in Lombardia. Lì, su consiglio

della gatta, il giovani comprò un bel po' di terre e diventò barone.

Ora Cagliuso, vedendosi ricco sfondato, non la finiva più di ringraziare la gatta dicendole che le doveva la vita e la ricchezza e che gli aveva giovato di più la furbizia di una gatta che l'ingegno del padre; quindi che disponesse a suo piacimento della sua vita e della sua roba e anzi, quando, di lì a cent'anni lei fosse morta, l'avrebbe fatta imbalsamare e mettere in una gabbia d'oro nella sua camera, per averla sempre davanti agli occhi.

La gatta, a sentire questa fanfaronata, volle metterlo alla prova: lasciò passare tre giorni e poi si finse morta, sdraiandosi lunga e distesa nella stanza. La moglie di Cagliuso, quando la vide, gridò: "Oh, marito mio, che gran disgrazia, è morta la gatta!". E Cagliuso: "Che si porti via tutti i mali, meglio lei che noi!". "Che ne facciamo?" domandò la moglie. E lui: "Prendila per una zampa e gettala dalla finestra!".

La gatta, sentendo questo bel ringraziamento che non avrebbe mai immaginato, cominciò a dire: Questo è il grazie tanto per i pidocchi che ti ho tolto? Questo il mille grazie per gli stracci che ti ho fatto bruttare e per i vestiti eleganti che ti ho procurato? Questo ho ottenuto per averti sfamato quando eri un morto di fame, pezzente, scalcagnato, con le pezze al culo? Maledico il giorno in cui ho deciso di fare qualcosa per te, ché non meriti nemmeno che ti si sputi in faccia! Bella gabbia d'oro che mi avevi promesso! Bel premio ho ricevuto per tutta la mia fatica! Disgraziato che si dà da fare per gli altri! Ha proprio ragione quel filosofo: Chi si addormenta asino, asino si sveglia! Insomma, chi fa di più, deve aspettarsi di meno; ma le belle parole e tristi fatti ingannano sia i saggi che i matti!".

Così dicendo e scuotendo la testa si allontanò e, per quanto Cagliuso cercasse con umiltà di farsi perdonare, non ci fu verso che tornasse indietro, ma, correndo senza mai voltarsi, diceva:

Dio ti guardi dal ricco impoverito e dal villano arricchito.

RAMOS, M. C. T.; REIS, A. A. J. Commented translation of the tale "Cagliuso", by Giambattista Basile. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 11, n. 1, p. 226-238, 2019. ISSN 2177-3807.

Referências

BASILE, G. Cagliuso. In: _____. *Lo cunto de li cunti: Il giornata*. Napoli: Isola dei ragazzi, 2014, p. 01-04. [Versão italiana de Domenico Basile e Grazia Zanotti Cavazzoni em formato e-book]. ISBN 978-88-95621-61-6.

CALVINO, I. *Sulla fiaba*. Presentazione dell'autore. Introduzione di Mario Lavagetto. Milano: Arnoldo Mondadori, 1996.

COELHO, N. N. *Panorama histórico da literatura infanto-juvenil: das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*. São Paulo: Ática, 1991.

FONTANA della Pietra del pesce. In: *Biblioteca Universitaria*. Disponível em: <http://www.bibliotecauniversitarianapoli.beniculturali.it/index.php?it/465/fontana-della-pietra-del-pes>. Acesso em: 03. mai. 2019.

GUERINI, A.; CAON, R. B. A arte de narrar em Basile. *TriceVersa: Revista do Centro Ítalo-Luso-Brasileiro de Estudos Linguísticos e Culturais*, Assis, v. 2, n. 1, p. 165- 172, 2008. Disponível em: <http://www2.assis.unesp.br/cilbelc/AndreiaGuerini.pdf>. Acesso em: 03. mai. 2019.

I PROVERBI NAPOLETANI. In: *Cordo di Napoli*. Disponível em <http://www.corpodinapoli.it/ospitalita/napoletanita/proverbi.html>. Acesso em: 03. mai. 2019.

JOLLES, A. O conto. In: *Formas simples*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

MELITO ne Lo cunto de li cunti: largo delle cinque vie. Disponível em <https://nickmar86.wordpress.com/2015/10/29/melito-ne-lo-cunto-de-li-cunti-largo-delle-cinque-vie/>. Acesso em: 03. mai. 2019.

TRECCANI. Enciclopédia online italiana Treccani. Disponível em: <http://www.treccani.it>. Acesso em: 03. mai. 2019.

Recebido em: 23 abr. 2019

Aceito em: 18 maio 2019